

AS DESAPARECIDAS

Para fãs de
A Rapariga no Comboio

MEGAN
MIRANDA

«Candidato
a melhor livro do ano»
Los Angeles Review of Books

TOP
SEL
LER

PARTE 1

Regresso

O homem não consegue aprender a esquecer,
atém-se sempre ao passado: por muito rápido
que corra, essa corrente corre com ele.

FRIEDRICH NIETZSCHE

Tudo começou com um telefonema, enganadoramente simples e fácil de ignorar. O zumbido sobre a mesa de cabeceira do Everett, o brilho no visor — demasiado luminoso no quarto que ele mantinha tão escuro, com os estores que bloqueavam a luz puxados até ao parapeito e as janelas pintadas como uma segunda linha de defesa contra a claridade do sol e da cidade. Vi o nome, carreguei no silêncio e virei o meu telemóvel ao contrário, ao lado do relógio.

Mas então. Fiquei acordada, perguntando-me porque é que o meu irmão me telefonaria tão cedo a um domingo. Percorri as possibilidades: o Papá; o bebé; a Laura.

Tateei o meu caminho através da escuridão, com as mãos a roçarem os cantos agudos da mobília, até que encontrei o interruptor da luz da casa de banho. Ao sentar-me sobre o tampo da sanita com os meus pés descalços pousados sobre o frio chão de ladrilhos, o telefone encostado ao ouvido, pele-de-galinha formava-se nas minhas pernas.

A mensagem do Daniel ecoou no silêncio: «Quase não resta dinheiro. Temos de vender a casa. Mas o Papá recusa-se a assinar os papéis.» Uma pausa. «Ele está mal, Nic.»

Sem pedir a minha ajuda, porque isso seria demasiado direto. Demasiado diferente de nós.

Carreguei no apagar, voltei a enfiar-me debaixo dos lençóis, antes que o Everett acordasse, e tateei-o a meu lado, para ter a certeza da sua presença.

Mais tarde nesse dia, de volta a minha casa, percorri a correspondência recebida e descobri a carta — *Nic Farrell*, escrito numa caligrafia familiar, com tinta azul; o endereço preenchido por outra pessoa, com uma caneta diferente, mais escura.

O Papá já não telefonava. Os telefones faziam-no sentir-se ainda mais desorientado, demasiado alheado da pessoa que estava a tentar localizar. Ainda que se lembrasse de para quem tinha ligado, saíamos-lhe da ideia quando atendíamos, nada mais do que vozes incorpóreas no éter.

Desdobrei a carta — uma página pautada de um diário, com as margens dentadas, a caligrafia dele a espriar-se para lá das linhas, a guinar ligeiramente para a esquerda, como se ele se tivesse apressado a escrever os pensamentos antes de estes lhe fugirem do entendimento.

Sem cumprimentos.

Preciso de falar contigo. Aquela rapariga. Vi aquela rapariga.

Sem conclusão.

Liguei de volta ao Daniel, ainda com a carta a tremer-me na mão.

— Recebi a tua mensagem — disse eu. — Vou para casa. Diz-me o que se passa.

DIA 1

Fiz um inventário do apartamento uma última vez, antes de encher o carro: malas à espera junto à porta; chave num sobrescrito sobre a bancada da cozinha; uma caixa aberta, cheia de coisas de última hora, que tinha embalado na noite anterior. Conseguia ver todos os cantos do apartamento a partir da kitchenette — exposta e vazia — mas, ainda assim, pairava sobre mim a sensação de que me estava a esquecer de alguma coisa.

Tinha juntado tudo apressadamente, terminando as últimas semanas do ano letivo enquanto me esquivava às chamadas do Daniel e descobria alguém a quem subalugar a minha casa durante o verão — sem tempo para parar, para interiorizar o facto de que estava, efetivamente, a fazer aquilo. A regressar. A ir *lá*. O Daniel não sabia da carta. Só sabia que eu ia ajudá-lo, que tinha dois meses antes de precisar de voltar à minha vida.

Agora, o apartamento estava praticamente despido. Um espaço impessoal, desprovido de qualquer afeto, aguardava o universitário moderadamente responsável que ali ficaria durante o mês de agosto. Deixei-lhe os pratos, porque davam uma trabalhadeira a embalar. E lá ficou também o colchão, porque ele tinha pedido, e porque pagara mais 50 dólares.

O resto das coisas — o que não cabia no meu carro, pelo menos — depositei num armazém a alguns quarteirões de distância. Toda a minha vida num cubículo retangular fechado, atafalhado de móveis pintados e roupas de inverno.

O som de alguém a bater à porta ecoou pelas paredes vazias, e fez-me saltar. O novo inquilino só devia chegar daí a algumas horas, quando eu estivesse na estrada. Era demasiado cedo para qualquer outra pessoa.

Atravessei a estreita divisão e abri a porta de casa.

— Surpresa — disse o Everett. — Estava na esperança de ainda te apanhar antes de saíres.

Ele estava vestido para ir trabalhar — limpo e elegante — e inclinou-se para me beijar, com um braço escondido atrás das costas. Cheirava a café e pasta de dentes; a goma e couro; a profissionalismo e eficiência. Tirou um copo descartável, fumegante, de detrás das costas.

— Trouxe-te isto. Para o caminho.

Inspirei profundamente.

— O caminho para o meu coração.

Encostei-me à bancada, e bebi um gole profundo.

Ele verificou o relógio de pulso e estremeceu.

— Detesto fazer isto, mas preciso de me despachar. Tenho uma reunião cedo, do outro lado da cidade.

Encontrámo-nos a meio do caminho, para um derradeiro beijo. Agarrei-lhe no cotovelo, quando ele se afastava.

— Obrigada — disse-lhe.

Ele encostou a sua testa à minha.

— Vai passar depressa. Vais ver.

Observei-o a ir-se embora — com passos determinados e comedidos, o cabelo escuro a roçar o colarinho — até chegar ao elevador, no fundo do corredor. Ele virou-se para trás, exatamente quando as portas se abriam. Encostei-me à ombreira da minha porta, e ele sorriu.

— Guia com cuidado, Nicolette.

Deixei que a porta se fechasse e, subitamente, a realidade do dia tornou-me os membros pesados, e provocou-me um formigueiro nos dedos.

Os números vermelhos no relógio do micro-ondas avançaram, e eu encolhi-me.

É uma viagem de carro de nove horas, de Filadélfia a Cooley Ridge, sem contar com trânsito, a hora do almoço, as paragens para gasolina, ou as idas à casa de banho, que dependeriam das circunstâncias. E, dado que ia sair 20 minutos depois daquilo que tinha dito que faria, já conseguia imaginar o David sentado no alpendre da frente, a bater com os pés, quando o meu carro chegasse à gravilha do caminho de acesso.

Mandei-lhe uma mensagem enquanto empurrava a porta da rua com uma mala: *Estou a caminho, mas chego lá mais para as 3h30.*

Foram necessárias duas viagens para arrastar a bagagem e as caixas restantes até ao carro, que estava estacionado do outro lado do quarteirão,

por detrás do prédio. Ouvi o início do trânsito da hora de ponta, à distância, um zumbido constante na autoestrada, uma buzina ocasional. Uma harmonia familiar.

Liguei o carro, esperei que o ar corresse. *OK, OK*, pensei. Pousei o telemóvel no suporte para copos e vi uma resposta do Daniel: *O Papá está à tua espera para jantar. Não faltes.*

Como se eu pudesse chegar três horas mais tarde do que pretendia. Aquela era uma das particularidades mais impressionantes do David: tinha aperfeiçoado a arte da mensagem de texto passivo-agressiva. Praticava havia anos.

QUANDO EU ERA MAIS NOVA, costumava acreditar ser capaz de ver o futuro. Provavelmente, isso era culpa do meu pai, que me encheu a infância de lugares-comuns das suas palestras sobre filosofia, deixando-me acreditar em coisas que não podiam ser reais. Fechava os olhos e incitava-o a aparecer, em minúsculos e belos vislumbres. Via o Daniel com um chapéu e uma toga. A minha mãe estava a sorrir a seu lado, através da lente da minha máquina de filmar, enquanto eu lhes fazia sinal para que se aproximassem. *Põe o braço à volta dela. Finjam que gostam um do outro! Perfeito.* Via-me a mim e ao Tyler, anos mais tarde, a atirmos a nossas malas para a parte de trás da sua carrinha de caixa-aberta enlameada, e a partirmos para a universidade. A partirmos de vez.

Naquela altura, era impossível compreender que partir não seria um acontecimento numa carrinha de caixa-aberta, mas um processo de excisão de dez anos. Quilómetros e anos a acolchoarem, lentamente, a distância. Já para não mencionar que o Tyler nunca deixou Cooley Ridge. O Daniel nunca acabou o secundário. E, de qualquer modo, a nossa mãe não teria vivido o suficiente para vê-lo.

Se a minha vida fosse um escadote, então Cooley Ridge era a base — uma vila despreziosa, escondida no sopé das Montanhas Smoky, uma autêntica definição da América das Pequenas Vilas, mas sem charme. Todos os outros sítios — quaisquer outros sítios — eram degraus mais altos que eu alcançara, progressivamente, com o passar do tempo. A licenciatura, mais de trezentos quilómetros a leste; a pós-graduação, num Estado a norte; o estágio, numa cidade que me recusei a abandonar assim que lá

meti os pés. Um apartamento no meu nome e uma placa com a minha identificação na minha própria secretária, e Cooley Ridge, sempre a coisa de que me afastava cada vez mais.

Mas eis o que aprendi acerca de partir — a verdade é que não se pode regressar. Já não sei o que fazer com Cooley Ridge, e esse lugar também já não sabe o que fazer comigo. A distância só aumenta com o passar dos anos.

A maior parte das vezes, quando tentava voltar a focar-me nela — *Fala-me da tua cidade, conta-me como crescestes, fala-me da tua família* —, só via uma caricatura na minha mente: uma vila em miniatura, colocada sobre as mesinhas da entrada, por altura do Natal, com tudo parado no tempo. Portanto, dava respostas superficiais, simples e genéricas: *A minha mãe morreu quando eu tinha 16 anos; é uma pequena vila à beira da floresta; tenho um irmão mais velho.*

Até para mim, mesmo enquanto respondia, aquilo não me parecia coisa alguma. Uma polaroide a esbater-se das margens para o centro, com as cores a esvaírem-se; o contorno de uma cidade-fantasma cheia de espetros.

Mas bastou uma chamada do David — «Temos de vender a casa» — para que sentisse o chão a fugir-me de debaixo dos pés. «Vou para casa», disse eu, e as margens encarquilharam-se, e as cores arderam: a minha mãe encostou uma bochecha à minha testa; a Corinne embalou o nosso carrinho, suavemente, para trás e para a frente, no cimo da roda-gigante; o Tyler equilibrou-se sobre a árvore caída, inclinada sobre o rio, que se estendia entre nós.

Aquela rapariga, escreveu o meu pai, e o riso dela agitou-me o coração.



TENHO DE FALAR CONTIGO. *Aquela rapariga. Vi aquela rapariga.*

Uma hora mais tarde, um *momento* mais tarde, e, provavelmente, ter-se-ia esquecido — colocando de lado o sobrescrito fechado, até que alguém o encontrasse abandonado na sua cómoda ou debaixo da sua almofada e fosse buscar a minha morada à agenda dele. Mas deve ter havido um gatilho. Uma memória. Uma ideia perdida nas sinapses do seu cérebro; o disparar de um pensamento sem outro sítio para onde ir.

A página rasgada, a escrita inclinada, o meu nome no sobrescrito...

E, agora, algo de cortante e selvagem tinha-se soltado dentro da minha cabeça. O nome dela, a repicar como um eco.

Corinne Prescott.

A carta do Papá ficara dobrada dentro da minha mala durante as últimas semanas, pairando mesmo sob a superfície da minha mente. Eu ia pegar na carteira ou nas chaves do carro e sentia-lhe o limite áspero das margens, a picada de um dos cantos dobrados, e lá estava ela uma vez mais: com o seu cabelo comprido, cor de bronze, caindo sobre os ombros, com o cheiro a pastilha elástica de hortelã, com o seu sussurro ao meu ouvido.

Aquela rapariga. Ela fora sempre *aquela rapariga*. Que outra rapariga poderia ser?

A última vez que conduzira até casa fora há pouco mais de um ano — quando o Daniel telefonara e dissera que tínhamos de meter o Papá numa instituição. Não se justificava o custo de um voo de última hora. Chovera a viagem quase toda, para ambos os lados.

Hoje, pelo contrário, estava um dia perfeito para conduzir. Sem chuva, nublado mas não escuro. Luz, mas não demasiada luminosidade. Atravessara três Estados sem parar, vilas e saídas esbatendo-se ao passar por elas rapidamente — a corporização de tudo aquilo que eu amava na vida a norte. Amava o ritmo, a maneira como se podia preencher o dia com uma lista de coisas a fazer, tomando conta das horas e dobrando-as à nossa vontade. E a impaciência do rapaz da caixa da loja de conveniência, na esquina do meu apartamento, o modo como nunca levantava os olhos das suas palavras cruzadas, como nunca estabelecia contacto visual. Amava o anonimato de tudo isso. De um passeio cheio de estranhos e de infinitas possibilidades.

Atravessar aqueles Estados a conduzir também se assemelhava a isso. Mas o início da viagem corre sempre muito mais depressa do que o final. Mais para sul, as saídas tornam-se mais escassas, a paisagem uniforme e monótona, cheia de coisas pelas quais temos a certeza de ter passado mil vezes.

Encontrava-me algures na Virgínia quando o meu telemóvel tocou no suporte para copos onde o tinha pousado. Atrapalhei-me a procurar o dispositivo de mãos-livres na mala, mantendo uma mão firme sobre o volante, mas acabei por desistir e toquei no botão de alta voz para atender a chamada.

— Estou? — disse.

— Ei, consegues ouvir-me?

A voz do Everett crepitava, e eu não tinha a certeza se era do alta voz ou da receção.

— Sim, que se passa?

Ele disse algo de indecifrável, com as palavras a aparecerem e desaparecerem intermitentemente.

— Desculpa, estou a perder-te. O quê?

Eu estava, praticamente, aos gritos.

— Estou a comer qualquer coisa rápida — disse ele, através do ruído. — É só para saber como estás. Como é que os pneus se estão a aguentar, desta vez?

Ouvi um sorriso na voz dele.

— Melhor do que a receção de telemóvel — disse eu.

Ele riu-se.

— Provavelmente, estarei em reuniões o resto do dia, mas telefona-me quando chegares lá, para saber que chegaste bem.

Pensei em parar para almoçar, mas não havia nada além de asfalto e campos, durante quilómetros e quilómetros e quilómetros.

CONHECERA O EVERETT HAVIA UM ano, na noite seguinte a mudar o meu pai de sítio. Tinha conduzido até casa, tensa e inquieta, com um furo num pneu cinco horas depois de começar a conduzir, e tivera de mudá-lo eu própria, debaixo de um chuveiro constante.

Quando cheguei ao meu apartamento, encontrava-me à beira das lágrimas. Tinha vindo para casa com a mala pendurada ao ombro, e a mão tremia ao tentar enfiar a chave na porta. Por fim, encostara a cabeça contra a sólida porta de madeira, para me acalmar. Para piorar as coisas, o tipo do 4A saíra do elevador ao mesmo tempo, e eu sentira o seu olhar fixo em mim, possivelmente à espera do descalabro iminente.

O inquilino do apartamento 4A. Eis tudo quanto sabia acerca dele: ouvia música demasiado alto, recebia convidados em excesso e tinha horários pouco habituais. Havia um homem a seu lado — sofisticado, ao contrário dele. Delicado, ao passo que ele era bruto. Sóbrio, enquanto ele estava bêbedo.

O tipo do 4A às vezes sorria-me quando nos cruzávamos no corredor, à noite, e, certa vez, fizera o elevador esperar por mim. Mas estávamos numa cidade. As pessoas iam e vinham. As caras esbatiam-se.

— Ei, 4C — balbuciou ele, desequilibrando-se.

— Nicolette — disse eu.

— Nicolette — repetiu ele. — Trevor.

O homem a seu lado parecia envergonhado por ele.

— E este é o Everett. Parece precisar de uma bebida. Anda, promovamos a boa vizinhança.

Pensei que aquilo da boa vizinhança teria sido aprender o meu nome um ano antes, quando eu me mudara para lá, mas necessitava daquela bebida. Queria sentir a distância entre *lá* e *cá*; precisava de espaço entre mim e a viagem de nove horas até casa.

O Trevor empurrou a sua porta, abrindo-a, enquanto eu caminhava na direção deles. O homem a seu lado estendeu a mão e disse «Everett», como se a apresentação do Trevor não tivesse contado.

Quando me vim embora, já tinha contado ao Everett acerca de mudar o meu pai de sítio, e ele dissera que fora o mais correto. Contara-lhe acerca do furo e da chuva e de tudo o que queria fazer durante o verão, época em que não trabalhava. Quando parei de falar, sentia-me mais leve, mais à vontade — o que se podia dever ao vodka, mas agradava-me pensar que era por causa do Everett —, e o Trevor tinha desmaiado no sofá ao nosso lado.

— Oh. É melhor ir-me embora — dissera eu.

— Deixa-me acompanhar-te a casa — replicara o Everett.

A minha cabeça estava leve, ao caminharmos em silêncio, e, então, a minha mão encontrava-se sobre a maçaneta da porta e ele ainda estava por perto. Quais eram as regras dos adultos para aquilo?

— Queres entrar?

Ele não respondeu, mas seguiu-me para dentro de casa. Parámos na kitchenette, que dava para o resto do meu pequeno apartamento, uma assoalhada com janelas altas e umas meras cortinas penduradas nos canos expostos, a demarcarem o meu quarto. Mas eu conseguia ver a minha cama através delas — desfeita, convidativa — e sabia que ele também a via.

— Uau — disse ele. Era da mobília, suspeitei. Coisas que eu tinha desencantado em lojas baratinhas e em feiras da ladra, e que tinha decapado

e repintado com cores ousadas, para condizerem. — Sinto-me como a Alice no País das Maravilhas.

Descalcei os sapatos, e encostei-me à bancada da cozinha.

— Aposto dez dólares em como nunca o leste.

Ele sorriu e abriu o meu frigorífico, tirando de lá uma garrafa de água.

— Bebe-me — disse ele, e eu ri-me. Então, ele sacou de um cartão de visita, colocou-o sobre a bancada, inclinou-se para a frente, e roçou os seus lábios nos meus antes de se afastar. — Telefona-me — sugeriu.

E eu telefonei.

A VIAGEM ATRAVÉS DA VIRGÍNIA tornara-se interminável, com as suas fazendas brancas nas colinas e fardos de palha a pontilharem-lhes os relvados circundantes. Depois, a passagem pelas montanhas — pórticos com sinais a emitirem avisos para ligar os faróis de nevoeiro — e o ruído ao aparecerem e desaparecerem estações de rádio. Quanto mais conduzia, mais lentamente parecia avançar. *É a relatividade*, pensei.

O ritmo era diferente lá na terra. As pessoas não se mexiam tão depressa, não mudavam tanto no decurso de uma década. Era Cooley Ridge, a ater-me à pessoa que eu sempre fora. Quando saí da autoestrada, desci a rampa e entrei na rua principal, apostei que ainda iria encontrar o Charlie Higgins, ou alguém como ele, encostado à parede desgastada da CVS¹. Apostei ainda que iria encontrar a Christy Pote a meter-se com o meu irmão, e o meu irmão a fingir não se aperceber, muito embora tivessem seguido em frente e se tivessem casado com outras pessoas.

Talvez isso se devesse à humidade e ao modo como tínhamos de nos debater para atravessá-la, como xarope, doce e viscoso, agarrado às solas dos nossos sapatos. Talvez fosse por vivermos tão perto das montanhas — que tinham levado mil anos a erguer-se, com o lento movimento das placas sob a terra — e das árvores que ali estavam desde que eu nascera e que ali estariam depois de eu morrer.

Talvez seja o facto de não se conseguir ver nada para além disto quando cá se está. Só montanhas e floresta e nós. Nada mais.

¹ Cadeia de farmácias. [N. do T.]

Uma década passada, a 160 quilómetros de distância, e atravesso a linha estadual — *Bem-vindos à Carolina do Norte!* — e as árvores tornam-se mais grossas, e o ar fica mais pesado, e estou de volta.

As bermas esbatidas voltam a ficar focadas, e a minha própria mente a restabelecer-se, a recordar-se. Os nossos fantasmas a ganharem substância: a Corinne a correr pela beira da estrada, à minha frente, de polegar levantado, as pernas a brilharem-lhe de suor, e a saia a levantar-se quando um carro passa demasiado perto. A Bailey encostada ao meu ombro, com o hálito quente por causa da vodca. Ou talvez isso fosse eu.

Os meus dedos soltaram-se do volante. Apeteceu-me estender a mão e tocar-lhes. Fazer com que a Corinne se voltasse e dissesse, «Merda, ganha juízo, Bailey», e me captasse o olhar, e sorrisse. Mas ela esbateu-se demasiado depressa, como tudo o mais, e a única coisa que sobrou foi a pontada aguda das saudades que sentia dela.

Passa mais uma década, e a 30 quilómetros de distância consigo ver a minha casa. A porta da rua. O trilho coberto de vegetação e as ervas daninhas a irromperem pela brita do caminho de acesso. Ouço aquela porta mosqueira a ranger ao abrir-se, e a voz do Tyler: *Nic?* E isso soa um pouco mais profundo do que a minha memória, um pouco mais próximo.

Agora, estou quase em casa.

À esquerda no semáforo, saio daquela estrada para o asfalto gretado e cinzento.

Na esquina, há um sinal, recentemente cravado no solo, com a base estriada de lama seca — a feira anual, de regresso à vila — e algo palpita no meu peito.

Eis a CVS, com um grupo de rapazes adolescentes a vadiarem no terreno ao lado, como o Charlie Higgins costumava fazer. Eis a fileira de lojas, com letras pintadas nas montras, diferentes das de quando eu era miúda, exceto o Bar do Kelly, que era a coisa mais parecida com um monumento que nós tínhamos. Eis a escola primária e, do outro lado da rua, a esquadra da polícia, com o processo do caso da Corinne arquivado nalgum armário das traseiras, a ganhar pó. Imaginei todas as provas empacotadas e enfiadas a um canto, porque não havia mais sítio algum onde colocá-las. Perdida na confusão, esquecida com o tempo.

Os cabos elétricos dependurados sobre nós, na berma da estrada, a igreja onde ia quase toda a gente, quer fosse protestante ou não. E, a seu

lado, o cemitério. A Corinne costumava obrigar-nos a suster a respiração quando passávamos por lá de carro. Mãos viradas para cima ao atravessarmos a linha do comboio, um beijo quando os sinos da igreja davam o meio-dia, e suster a respiração ao pé dos mortos. Obrigava-nos a fazê-lo mesmo depois de a minha mãe ter morrido. Como se a morte fosse uma superstição, algo que pudéssemos contornar atirando sal por sobre os ombros, ou cruzando os dedos atrás das costas.

Peguei no telemóvel no semáforo e telefonei ao Everett. Fui parar ao correio de voz dele, como sabia que iria acontecer.

— Cheguei — informei. — Já cá estou.

A CASA ESTAVA TAL E QUAL a imaginara naquelas últimas nove horas. O trilho do caminho de acesso até ao alpendre dianteiro, ao qual, agora, se sobrepunha um pátio, o carro do Daniel estacionado mesmo junto ao telheiro, ao lado da garagem, para deixar espaço para o meu, as ervas daninhas a arranharem-me os tornozelos nus, ao passar de uma laje lisa para a seguinte, com as pernas a avançarem de memória. O tapume cor de marfim, mais escuro nalguns sítios, branqueado pelo sol noutros, pelo que tinha de piscar os olhos para olhar diretamente para ele. Parei a meio caminho entre o meu carro e a casa, elaborando uma lista na minha cabeça: *pedir emprestada uma lavadora de alta pressão, descobrir um miúdo com um trator corta-relva, arranjar alguns vasos com flores coloridas para o alpendre...*

Ainda estava a piscar os olhos, com a mão a protegê-los, quando o Daniel dobrou a esquina da casa.

— Pareceu-me que tinha ouvido o teu carro — disse ele.

O cabelo dele estava mais comprido do que me lembrava, chegando-lhe ao queixo — tinha o mesmo tamanho que o meu antes de me ter ido daqui embora de vez. Ele costumava mantê-lo curto, porque da única vez que o deixara crescer as pessoas disseram que se parecia comigo.

Dava a ideia de ficar mais claro, assim crescido — mais louro do que não-louro —, ao passo que o meu tinha escurecido com os anos. Ele ainda era pálido, como eu, e os seus ombros nus já estavam a ficar vermelhos-vivos. Mas tinha emagrecido, ficando com os traços marcados do rosto mais pronunciados. Agora, mal passaríamos por irmãos.

O peito dele estava estriado de sujidade, as suas mãos revestidas de terra. Limpou as palmas das mãos contra os lados das calças de ganga e caminhou na minha direção.

— E antes das 3h30 — disse eu, o que era ridículo.

De nós os dois, ele fora sempre o mais responsável. Fora ele quem desistira da escola para ajudar a nossa mãe. Fora ele quem dissera que tínhamos de arranjar ajuda para o nosso pai. Era ele, agora, quem olhava pelo dinheiro. O facto de eu ter chegado relativamente a horas não iria impressioná-lo.

Ele riu-se e limpou as costas das mãos, uma vez mais, nas calças de ganga.

— Também é bom ver-te, Nic.

— Desculpa — disse eu, atirando-me num abraço, o que era demasiado. Eu fazia sempre aquilo. Tentava compensá-lo indo para o extremo oposto. Ele ficou hirto face ao meu abraço, e eu soube que estava a sujar as minhas roupas.

— Como vai o trabalho, como vai a Laura, como estás tu?

— Sobrecarregado. Tão irritável quanto grávida. Contento por estares cá.

Eu sorri e, depois, voltei a mergulhar no carro, à procura da mala. Não era boa a receber delicadezas da parte dele. Nunca soube o que fazer com elas, ou o que queria ele dizer com elas. Ele era, como o meu pai gostava de dizer, difícil de ler. A sua expressão já parecia desaprovadora naturalmente, pelo que eu me sentia sempre à defesa, ou que tinha algo a provar.

— Oh — disse eu, abrindo a porta de trás do meu carro, e mudando as caixas de um lado para o outro. — Tenho uma coisa para ela. Para vocês os dois. Para o bebé.

Onde diabo estava aquilo? Estava num daqueles sacos de prendas com uma roca à frente, com brilho lá dentro, que mudava sempre que se mexia.

— Está aqui, algures — murmurei.

O papel de embrulho tinha pequenas fraldas com alfinetes-de-ama, que, na verdade, eu não compreendia, mas que pareciam ser coisa para a Laura.

— Nic — disse ele, com os seus dedos compridos enrolados por cima da porta aberta do carro —, isso pode esperar. A festa dela é no fim de

semana que vem. Quer dizer, se não estiveres ocupada. Se quiseres ir. — Ele pigarreou. Retirou os dedos da porta. — Ela gostaria que fosses.

— Está bem — disse eu, endireitando-me. — Sim, claro.

Fechei a porta e comecei a caminhar em direção à casa, com o Daniel a acertar o passo com o meu.

— Quão má é a coisa? — perguntei.

Não via a casa desde o verão anterior, quando mudáramos o nosso pai para Grand Pines. Nessa altura, havia a hipótese de se tratar de uma mudança temporária. Fora isso que lhe havíamos dito. *É só por agora, Papá. Só até estares melhor. É só por um bocadinho.* Neste momento, era claro que ele não ia melhorar, que não ia ser só por um bocadinho. A sua mente estava uma confusão. As suas finanças estavam ainda mais confusas, um desastre que desafiava toda a lógica. Mas, pelo menos, tinha a casa. *Nós tínhamos a casa.*

— Telefonei para que viessem cá ontem voltar a ligar a água e a electricidade, mas há algo de errado com o ar condicionado.

Senti o meu cabelo comprido colar-se à nuca, o meu vestido de verão agarrar-se à pele, o suor nas minhas pernas nuas, e ainda ali não estava há cinco minutos. Os meus joelhos vacilaram ao subir para o alpendre de madeira lascada.

— Onde está a brisa? — perguntei.

— Tem sido assim o mês inteiro — disse ele. — Trouxe para cá umas ventoinhas. Não há nenhum problema estrutural para além do ar condicionado. Precisa de pintura, de lâmpadas, de uma boa limpeza, e temos de decidir o que fazer com tudo o que está cá dentro, obviamente. Pouparamos muito dinheiro se a vendermos nós próprios — acrescentou ele, com um olhar frontal na minha direção.

Era aí que eu entrava. Para além de lidar com as papeladas do Papá, o Daniel queria que eu vendesse a casa. Ele tinha um emprego, um bebé a caminho, toda uma vida ali.

Eu tinha dois meses sem trabalhar. Um apartamento que estava a subalugar, para ganhar um dinheiro extra. Um anel na mão e um noivo que trabalhava 60 horas por semana. E, agora, um nome — Corinne Prescott — a balançar-me por dentro do crânio, como um fantasma.

Ele puxou a porta mosquiteira, abrindo-a, e o ranger familiar cortou-me logo as entranhas. Acontecia sempre. Bem-vinda de volta, Nic.

O DANIEL AJUDOU-ME A DESCARREGAR o carro, levando a minha bagagem para o vestíbulo do primeiro andar, e empilhando os meus haveres pessoais sobre a mesa da cozinha. Passou o braço pela bancada, e partículas de pó ficaram pelo ar, suspensas no feixe de luz do sol que penetrava pela janela. Ele tossiu, com o braço a tapar a cara.

— Desculpa — disse-me. — Ainda não cheguei ao interior. Mas comprei-te os produtos.

Gesticulou em direção à caixa de cartão sobre a bancada.

— É para isso que cá estou — disse eu.

Supus que, se planeava viver aqui durante algum tempo, deveria começar pelo meu quarto, para ter um sítio onde dormir. Passei a minha mala de viagem para o cimo das escadas e levei a caixa de produtos de limpeza, apoiada sobre a anca, rumo ao meu velho quarto. Como sempre, as tábuas do soalho rangeram no corredor, um passo antes da minha porta. A luz vinda das janelas atravessava as cortinas, e tudo no quarto parecia só estar meio lá, naquela claridade muda. Liguei o interruptor e não aconteceu nada, pelo que deixei a caixa no meio do chão e afastei as cortinas, observando o Daniel a regressar da garagem independente, com uma ventoinha portátil debaixo do braço.

O edredão amarelo, repleto de margaridas pálidas, ainda estava amarrotado aos pés da minha cama, como se eu nunca tivesse partido. As reentrâncias nos lençóis — uma anca, um joelho, um lado de uma cara — como se alguém tivesse acabado de acordar. Ouvi o Daniel na porta da rua e puxei o edredão para cima, rapidamente, alisando-lhe os altos e os rebordos.

Abri ambas as janelas — a que tinha a fechadura que funcionava e a que tinha a fechadura que se estragara algures durante o liceu, e que nunca mandáramos arranjar. O mosquitoeiro desaparecera, o que não era grande perda; tinha-se rasgado e deformado, devido a anos de abusos. Por eu lhe empurrar a parte de baixo, para rastejar para o telhado inclinado, caindo sobre as aparas de madeira, que só faziam doer se calculássemos mal a distância, noite após noite. O tipo de coisa que fazia todo o sentido quando eu tinha 17 anos, mas que agora me parecia ridícula. Não conseguia trepar de volta, pelo que me esgueirava pela porta das traseiras e subia discretamente as escadas, evitando fazer ranger o soalho do corredor. Provavelmente, teria podido esgueirar-me lá para fora do mesmo modo, poupando-me ao salto, e poupando o mosquitoeiro aos danos.

Ao voltar-me para trás, com o quarto agora banhado pela luz, reparei em todas as pequenas coisas que o Daniel já tinha feito: alguns das fotografias estavam tiradas das paredes, com a tinta amarela descolorada nos sítios onde tinham estado penduradas; as velhas caixas de sapatos, que haviam estado no cimo do armário, achavam-se ordenadamente empilhadas contra a parede no canto de trás; e o tapete entrançado, que fora da minha mãe quando era criança, encontrava-se no meio do chão, tirado de debaixo dos pés da minha cama.

Ouvi o ranger das tábuas do soalho, e o Daniel à minha porta, com a ventoinha portátil debaixo do braço.

— Obrigada — disse eu.

Ele encolheu os ombros.

— Sem problemas.

Encostou-a a um canto e rodou o interruptor. O paraíso.

— Obrigado por vires, Nic.

— Obrigada por teres começado a arrumar o meu quarto — disse eu, mudando o pé de apoio.

Não compreendia como é que outros irmãos tinham relações tão fáceis. Como é que se conseguiam reacostumar à infância, num abrir e fechar de olhos, deixando cair todas as formalidades. O Daniel e eu estávamos prestes a passar o dia a andar pé ante pé pela nossa casa vazia e sempre a agradecermo-nos mutuamente.

— Hã? — disse ele, ao aumentar a velocidade da ventoinha, pelo que o zumbido baixo se tornou um ruído branco regular, abafando os sons do exterior.

— O meu quarto — e gesticulei na direção das paredes. — Obrigada por tirares as fotografias.

— Não tirei — disse ele, parando diante da ventoinha e fechando os olhos durante um segundo. — Deve ter sido o Papá.

Talvez. Não me conseguia lembrar. Estivera ali havia um ano, na noite que se seguiu a o termos mudado, mas os pormenores... os pormenores tinham-se perdido. As caixas dos sapatos estavam cá em baixo? As fotografias, tiradas da parede? Senti que me teria lembrado disso. Toda essa noite era um borrão.

O Daniel não sabia que eu regressara aqui, em vez de conduzir diretamente para casa, conforme lhe dissera que tinha de fazer — *Tenho de trabalhar, tenho de me ir embora*. Voltei cá, vagueando de divisão para divisão,

com os olhos secos e abalada, como uma criança perdida no meio da feira popular, à procura de uma cara conhecida na multidão. Enroscando-me sobre os lençóis, na casa vazia, até ouvir um motor à frente de casa e a campainha, a que não respondi. O ranger da porta mosquiteira, as botas dele sobre os degraus. Até que o Tyler se encontrava encostado à parede do meu quarto. *Quase tive saudades tuas*, dissera ele. *Estás bem?*

— Quando foi a última vez que aqui estiveste? — perguntei ao Daniel. Ele coçou a cabeça, aproximando-se mais da ventoinha.

— Não sei. Passo por aqui de carro, enfio a cabeça cá dentro de vez em quando, ou quando preciso de vir buscar alguma coisa para o Papá. Que foi?

— Nada — disse eu.

Mas era mais que nada. Agora, estava a imaginar a sombra de outra pessoa no quarto. Vasculhando as minhas caixas. Mudando o tapete de sítio. Vendo. *Procurando*. Era a sensação de que as minhas coisas não estavam onde deveriam estar. Eram as impressões desiguais no pó, reveladas pela luz do sol. Ou talvez fosse apenas a minha perspetiva. Eu crescera, e aquela casa ficara mais pequena. Em minha casa, dormia numa cama de casal que ocupava cerca de metade do meu apartamento, e o Everett tinha uma maior. Aquela cama individual parecia destinada a uma criança.

Perguntei-me se, caso me enroscasse na cama, sentiria as reentrâncias de outra pessoa. Talvez apenas do meu fantasma. Arranquei os lençóis da cama e toquei no Daniel ao passar. A ruga entre os seus olhos aprofundou-se enquanto me observava.

Quando regresssei lá a cima, depois de ter posto a roupa para lavar, o quarto pareceu-me um pouco mais meu. Tal como o Daniel e eu, o quarto e eu estávamos a demorar algum tempo a acostumarmo-nos, de novo, um ao outro. Tirei o anel e coloquei-o na taça de cerâmica lascada sobre a minha mesa de cabeceira, antes de atacar a casa de banho e as gavetas da cómoda. Depois, sentei-me no chão, defronte da ventoinha, e apoiei-me sobre os cotovelos.

À segunda hora, já estava a procrastinar. Tinha de ir ver o Papá. Tinha de trazer a papelada e ouvi-lo falar às voltas. Tinha de lhe perguntar o que quisera ele dizer naquela carta e ter esperança de que se lembrasse. Tinha de fingir que não ficava magoada quando ele se esquecia do meu nome.

Não importava quantas vezes isso tinha acontecido antes. Perturbava-me sempre.



REUNI A PAPELADA DA TUTELA para levar ao médico do Papá — e assim dar início ao *processo*. De modo a que, na maior ironia da vida, nos tornássemos guardiães do nosso pai e dos seus bens. Ao preparar-me para sair, ouvi ruídos ténues e abafados vindos do exterior — portas a fecharem-se, a aceleração de um motor. Calculei que o Daniel tivesse chamado alguém por causa do pátio. Mas, então, a porta mosquiteira rangeu, cortando o ruído da ventoinha.

— Nic?

Eu conhecia aquela voz, como 12 anos de história arquivados numa só memória, numa só sílaba.

Inclinei-me na direção da minha janela. Vi a carrinha do Tyler, ligada, à beira da estrada. Uma rapariga qualquer no lugar do morto. As costas do Daniel, queimadas pelo sol, viradas para mim, ao encostar-se à janela aberta da carrinha, falando com ela.

Merda.

Virei-me mesmo a tempo de ver o Tyler parar diante da porta aberta do meu quarto.

— Achei que seria falta de educação não entrar para te dizer olá.

Sorri sem que fosse minha intenção, porque era o Tyler. Uma reação irrefletida.

— Tal como não bater à porta? — disse eu, o que o fez rir. *De mim*. Estava a tornar-me transparente, e odiava isso.

Ele não disse *Como tens passado* ou *Que é que tens feito* nem perguntou se tivera saudades dele, como se fosse na brincadeira, mas nem por isso. Não mencionou as caixas nem a bagagem nem o meu cabelo, que estava mais comprido do que no ano anterior e encaracolado até à submissão. Mas vi-o interiorizar tudo isso. Eu estava a fazer a mesma coisa.

Tinha a cara apenas um pouco mais larga, o cabelo castanho apenas um pouco mais revolto, os olhos azuis apenas um pouco mais brilhantes. Quando éramos mais novos, tinha uns círculos escuros por baixo dos olhos, que nunca desapareciam, ainda que passasse o dia inteiro a

dormir. De certa forma, aumentavam o seu encanto, mas, agora que tinham desaparecido, parecia igualmente bonito. Mais jovial. Mais feliz.

— O Dan não me disse que chegavas hoje — disse ele, agora completamente dentro do meu quarto.

O Daniel gostava muito de nós os dois separados, mas não juntos. Quando eu tinha 16 anos, disse-me que eu ficaria com uma reputação se começasse a dar-me com um tipo como o Tyler — ainda não sei bem se o desdém era por mim se pelo Tyler — e nunca pareceu superar o facto de que estava errado.

— Ele também não me disse que vinhas cá hoje — disse eu, cruzando os braços.

— Em sua defesa, era suposto eu deixar cá o corta-relva na pausa para o almoço, há cinco horas.

Ele encolheu os ombros.

— Mas, de qualquer maneira, tinha de vir para esta zona. Dois coelhos, certo?

Espreitei por cima do ombro, para examinar a rapariga, mas também pela oportunidade de olhar para outra coisa que não ele. Ao passo que, ao Daniel e a mim, nos levava dias a readquirirmos alguma forma de conforto um com o outro, o Tyler e eu não levávamos tempo algum. Não importava quanto tempo se tinha passado ou qual a última coisa que havíamos dito um ao outro. Ele dá um passo em frente e é o verão depois de ter terminado o liceu. Diz o meu nome e fico-me a sentir como se tivesse 17 anos.

— Namorada? — perguntei, vendo um rabo de cavalo louro, e um braço magro pendurado para fora da janela.

Ele sorriu.

— Qualquer coisa desse género.

Voltei a olhar por sobre o ombro.

— É melhor voltares lá para fora — disse eu. — Provavelmente, o Daniel está a dizer-lhe para se afastar de ti.

O tronco do Daniel desapareceu mais para dentro da carrinha, e eu dei um pulo ao ouvir a buzina.

— Já agora — disse eu —, aquilo não foi a tua namorada.

Quando me voltei a virar, o Tyler estava ainda mais perto.

— Se não fosse mais avisado — disse ele —, suporia que ele não me quer ao pé da sua irmã mais nova.

Abstive-me de sorrir face àquela piada recorrente, porque esta era a parte perigosa. Independentemente de haver uma rapariga no carro dele, ou de estar a sair para um encontro naquele mesmíssimo segundo. Porque, sempre que eu regressava, era isso que acontecia. Independentemente de eu voltar a ir-me embora e ele não. De nunca falarmos do passado nem do futuro. De ele abandonar outra coisa por mim e de eu fingir não me aperceber.

— Estou noiva — disse eu.

Disse-o depressa, forçando as palavras a saírem.

— Sim, essa parte ele contou-me.

Ele olhou para a minha mão, para o meu dedo nu.

Passei o polegar pela pele.

— Está na mesa de cabeceira — disse eu. — Não queria que se sujasse.

O que parecia ridículo e pretensioso e tudo aquilo que o Tyler odiaria numa rapariga e num anel.

Aquilo fê-lo rir.

— Bem, então, deixa-me cá vê-lo.

Como um desafio.

— Tyler...

— Nic...

Despejei a taça de cerâmica para a palma da mão e atirei-lhe o anel, como se não valesse mais do que ele e eu juntos. Os olhos dele escancararam-se durante um minuto, ao dar-lhe voltas na mão.

— Sim, senhora, Nic. Bom para ti. Quem é o sortudo?

— Chama-se Everett.

Ele começou novamente a rir e eu mordi o lábio, para evitar sorrir. Tinha pensado a mesma coisa quando nos conhecêramos — o colega de quarto do meu vizinho, numa universidade da Ivy League², sócio do escritório de advogados do Paizinho. Pensara: *Claro que se chama assim. Claro.* Mas o Everett tinha-me surpreendido. Não parava de me surpreender.

— Chama-se Everett e comprou-te este anel — continuou o Tyler.
— Claro que comprou. Quando será?

— Ainda não há data marcada — disse eu. — Será... quando for.

² Conferência de oito universidades americanas, mundialmente conhecida por todas serem escolas de elite. [N. do E.]

Ele acenou com a cabeça e voltou a lançar-mo, do mesmo modo que eu lho lançara. Como se atirasse uma moeda ao ar ou a deitasse para dentro de uma fonte. *Cara ou coroa. Pede um desejo. Um cêntimo pelo que estás a pensar.*

— Quanto tempo vais ficar por cá? — perguntou ele, enquanto eu deixava o anel cair, de novo, na taça.

— Não tenho a certeza. O tempo que for necessário. Não trabalho durante o verão.

— Então, suponho que nos vejamos por aí.

Ele já estava meio para lá da porta.

— É alguém que eu conheça? — perguntei eu, gesticulando em direção à janela.

Ele encolheu os ombros.

— É a Annaleise Carter.

Era por isso que ele estava naquela zona. A propriedade dos Carters era contígua à nossa, e a Annaleise era a Carter mais velha, mas não tão velha como nós.

— Que idade tem ela, 13? — perguntei eu.

Ele riu-se como se conseguisse ver através de mim.

— Adeus, Nic — disse-me.

A Annaleise Carter costumava ter uns olhos grandes e ingênuos, pelo que parecia sempre inocente e surpreendida. Eu via agora esses olhos — via-a debruçando-se da janela do carro, com os olhos fixos em mim, a pestanejar lentamente, como se visse um fantasma. Ergui uma mão — *olá* — e, depois, a outra — *não tenho culpa*.

O Tyler sentou-se ao volante, com um último aceno para a minha janela, antes de arrancar.

Que idade tinha ela agora, 23? Para mim, teria sempre 13. E o Tyler teria 19 e a Corinne 18. Congelados no momento em que tudo mudara. Em que a Corinne desaparecera. E em que eu partira.

HÁ 10 ANOS, MESMO POR VOLTA desta altura — nas duas últimas semanas de junho —, a feira estivera na cidade. Desde então, eu não estivera em casa para essa ocasião. E, no entanto, apesar de todo o tempo e de toda a distância, essa ainda permanecia a minha memória mais viva — a coisa

que me ocorria primeiro, antes de poder afastá-la, sempre que o Everett me perguntava acerca da minha terra:

Estar debruçada sobre o rebordo do carrinho da roda-gigante, com o metal a enfiar-se-me no estômago, a gritar o nome dele. O Tyler, lá em baixo, demasiado longe para que lhe pudesse focar o rosto, parado, com as mãos nos bolsos, enquanto as pessoas circulavam à sua volta. Observando-nos. Observando-me. A Corinne a sussurrar-me ao ouvido:

— Fá-lo.

O riso da Bailey, tensa e nervosa, e o carrinho a balançar, lentamente, para trás e para a frente, suspenso sobre toda a Cooley Ridge.

— Tique-taque, Nic.

Eu, a passar para o outro lado do rebordo, embora estivéssemos todas de saias, com a mudança do meu peso a fazer balançar ainda mais o carrinho, com os meus cotovelos agarrados à barra, por cima da gaiola atrás de mim, com os meus pés a equilibrarem-se sobre o rebordo, à altura da minha cintura. As mãos da Corinne nos meus cotovelos, a sua respiração no meu ouvido. O Tyler a observar, enquanto a roda-gigante começava, novamente, a girar para baixo. O vento a subir do chão, o meu estômago a contorcer-se, o meu coração aos pulos. A viagem a parar com um guincho na base e eu a saltar um pouco cedo demais.

O impacto do cais de embarque, metálico, a vibrar-me nos joelhos, enquanto corria pela rampa abaixo, tonta e cheia de adrenalina, gritando para trás, para o empregado que vinha a berrar atrás de mim:

— Já sei, já sei, vou-me embora!

A correr em direção ao Tyler, que sorria ligeiramente, com os seus olhos a dizerem-me tudo quanto desejava naquele momento, enquanto permanecia perto da saída. Uma *má influência*. Era isso que o Daniel lhe chamava, tentando culpar outra pessoa que não eu.

Corre, dissera-me o Tyler. Eu estava sem fôlego, não exatamente a rir-me mas algo lá perto, enquanto corria na sua direção. Ele tinha os lábios torcidos, num dos seus meios-sorrisos, e eu soube que não conseguiríamos sair do parque de estacionamento. Teríamos sorte se conseguíssemos chegar à carrinha dele.

Mas, então, uma mão agarrou-me — «Já disse que me vou embora», e puxei o meu braço.

Mas não era um segurança. Era o Daniel. Agarrou-me pelo braço, sólido e veemente, e bateu-me. Bateu-me na cara, com um punho cerrado, e o

impacto fez-me cair para o lado, com um braço torcido sobre o chão, entre o meu estômago e o pó.

O choque e a dor, o medo e a vergonha, pareciam todos a mesma coisa na minha memória, todos misturados com o sabor a sangue e a pó. Ele nunca antes me tinha batido. Na verdade, nem sequer quando éramos miúdos. Dez anos volvidos, esse momento paira entre nós a cada interação, a cada mensagem de texto passivo-agressiva e a cada telefonema ignorado.

E, mais tarde, nessa noite, algures entre o encerramento da feira e as seis da manhã, a Corinne desapareceu, e tudo o que tinha acontecido nesse dia ganhou um novo peso, um novo significado. Nas semanas que se seguiram, o potencial para a morte tornou-se palpável. Estava a toda a nossa volta, intangível e, todavia, sufocante, existindo em cada diferente permuta de acontecimentos. Ela podia estar morta, de mil maneiras diferentes.

Talvez tivesse fugido porque o pai abusava dela. Talvez fosse por isso que a mãe dela se divorciara dele e saíra da cidade, um ano depois.

Ou talvez fosse o namorado, o Jackson, porque costuma ser o namorado, e eles tinham andado a discutir. Ou o tipo que ela andava a namoriscar na feira, que nenhum de nós conhecia — o da banca de cachorros-quentes. O que a Bailey jurava que tinha estado a observar-nos.

Ou talvez ela tivesse pedido boleia para casa, com a sua saia demasiado curta e o seu top translúcido, de mangas compridas, e talvez um estranho que estivesse de passagem pela cidade a tivesse levado, usado e abandonado.

Talvez ela tivesse apenas partido. Foi isso que a polícia, por fim, decidiu. Ela tinha 18 anos — legalmente, era adulta — e estava farta deste sítio.

O que é que se passou, perguntaram os polícias, *naquelas horas, com todos vós?* Revelem os vossos segredos, o Quem e o O Quê e o Porquê, entre as dez da noite e as seis da manhã. Os mesmos polícias que desperjavam as nossas festas, mas depois nos levavam a casa, em vez de telefonarem aos nossos pais. Os mesmos polícias que namoravam as nossas amigas e bebiam cerveja com os nossos irmãos e com os nossos pais. E esses segredos — o *Onde estávamos entre as dez da noite e as seis da manhã*, o *O que estávamos nós a fazer*, o *Porquê* — não ficariam seguros com esses polícias. Nem no bar, nem na cama, nem nesta cidade.

Quando os profissionais enviados pelo Estado chegaram para ajudar, era demasiado tarde. Já nos tínhamos virado para dentro, já tínhamos as nossas teorias elaboradas, já acreditávamos naquilo em que precisávamos de acreditar.

A versão oficial: a Corinne existira, pela última vez, para todos aqueles que a conheciam, mesmo à entrada da feira e, a partir de aí, desaparecera.

Mas, na verdade, não tinha desaparecido. Havia mais. Uma história para cada um de nós, que mantínhamos escondida.

Para o Daniel, ela desaparecera do exterior da feira, atrás da bilheteira.

Para o Jackson, do parque de estacionamento das cavernas.

E, para mim, eclipsara-se numa curva da estrada sinuosa, ao regressar a Cooley Ridge.

Éramos uma vila cheia de medo, à procura de respostas. Mas éramos, também, uma vila cheia de mentirosos.



A CAFETARIA DE GRAND PINES é uma grande decepção — chãos de madeira e mesas com toalhas de linho escuro, mais adequadas a um restaurante do que a uma instituição de reabilitação de longo-prazo. Um piano a um canto, embora pareça ser mais para decoração, e uma ténue música clássica em pano de fundo, durante o jantar. A comida, ouvi dizer, é a melhor de todas as instituições de reabilitação do Sul — bem, foi o que disseram ao Daniel quando ele escolheu este sítio, como se isso devesse fazê-lo sentir-se melhor, e fazer-me sentir melhor, por delegação. *Não te preocupes, Papá, visitar-te-emos. E a comida é de morrer.*

Hoje, a enfermeira que estava perto da receção guiou-me até ao quarto, e avistei o Papá, sentado a uma mesa de canto para duas pessoas. Os seus olhos passaram pela enfermeira e por mim e, depois, reorientaram-se para o seu garfo, que enrolava a massa.

— Ele não nos disse que você vinha, caso contrário tê-lo-íamos lembrado de esperar — disse a enfermeira, fazendo beicinho, com preocupação.

O Papá olhou para cima, enquanto ela me conduzia à mesa, e abriu a boca, como se estivesse prestes a dizer alguma coisa, mas a enfermeira falou primeiro, com um sorriso treinado e contagioso — fazendo com que eu e o Papá lhe retribuíssemos o sorriso.

— Patrick, está aqui a sua filha. Nicolette — disse ela, encarando-me —, foi muito agradável voltar a vê-la.

— Nic — disse eu à enfermeira.

O meu coração apertou-se-me no peito, enquanto esperava, na esperança de que ele agarrasse o meu nome, tão contagioso como um sorriso.

— Nic — repetiu o Papá.

Os seus dedos tamborilaram sobre a mesa, lentamente, um, dois, três, um, dois, três — e, então, algo pareceu despertá-lo. O tamborilar acelerou-se, umdoistrês, umdoistrês.

— Nic.

Ele sorriu. Estava ali.

— Olá, Papá.

Sentei-me defronte dele e peguei-lhe na mão. Meu Deus, tinha-se passado muito tempo. Um ano, desde que tínhamos estado na mesma sala. Telefonemas, durante algum tempo, quando ele tinha oscilado para dentro e para fora da lucidez, até que o Daniel disse que o andavam a agitar demasiado. E, depois, apenas cartas, com a minha fotografia lá dentro. Mas, agora, ali estava ele. Como uma versão mais velha do Daniel, mas mais mole, devido à idade e a uma vida de apreço pela *fast food* e pelo álcool.

Ele fechou as mãos em torno das minhas e apertou-as. Era sempre bom naquele papel. No afeto físico, nas demonstrações exteriores de boa paternidade. Abraços, quando entrava a tropeçar, a altas horas, meio bêbedo. Segurava-nos as mãos, quando precisávamos de ir às compras, mas ele não conseguia sair da cama. *Seguro-te a mão, leva o meu cartão de crédito*, e isso deveria compensar a situação.

Os olhos dele divagaram até à minha mão, e bateu nas costas do meu anelar.

— Onde está?

Interiormente, encolhi-me. Mas sorri ao Papá, contente por ele se lembrar desse detalhe. Ficava mais feliz por saber que ele se lembrava das coisas que eu lhe contava nas minhas cartas. Não estava a perder o juízo, estava só perdido dentro deste. Havia uma diferença. *Eu* vivia lá dentro. *A verdade* vivia lá dentro.

Percorri o meu telefone, à procura de uma fotografia, e aumentei o *zoom*.

— Deixei-o em casa. Estive a fazer limpezas.

Ele semicerrou os olhos face ao ecrã, aos ângulos perfeitamente cortados, à pedra brilhante.

— Foi o Tyler que te comprou isto?

O meu estômago cedeu.

— Não foi o Tyler, Papá. Foi o Everett.

Ele estava perdido de novo, mas não estava errado. Apenas alhures. Uma década atrás. Quando éramos miúdos. E o Tyler não estava, exatamente, a pedir-me que me casasse com ele — estava a pôr a hipótese, como quem implora. Queria dizer *fica*.

E agora este anel queria dizer... Não fazia ideia do que queria dizer este anel. O Everett tinha 30 anos, e eu aproximava-me dessa idade, e ele pedira-me em casamento no dia do seu 30.º aniversário, como uma promessa de que eu não o estava a fazer perder o seu tempo e de que ele não me estava a fazer perder o meu. Eu dissera que sim, mas isso fora há dois meses, e não tínhamos discutido o casamento, não tínhamos examinado a logística de irmos viver juntos quando acabasse o meu contrato de arrendamento. Era um *quando for*. Um *plano*.

— Papá, tenho de te perguntar uma coisa — disse eu.

Os seus olhos divagaram para os papéis que me saíam da mala, e os seus dedos enrolaram-se, tornando-se punhos.

— Eu já lhe disse, não assino papéis nenhuns. Não deixes que o teu irmão venda a casa. Os teus avós compraram aquele terreno. É *nosso*.

Senti-me uma traidora. A casa ia ser vendida, de uma maneira ou de outra.

— Papá, temos de fazê-lo — disse eu, suavemente. *Tu não tens dinheiro. Gastaste-o, indiscriminadamente, em sabe Deus o quê*. Não so-
brava nada. Nada para além do dinheiro empatado na placa de cimento e nas quatro paredes e no pátio descurado.

— Nic, a sério, o que pensaria a tua mãe?

Eu já estava a perdê-lo. Em breve, desapareceria para outro tempo. Aquilo começava sempre assim, com a minha mãe, como se conjurá-la para os seus pensamentos o sugasse para um local onde ela ainda existia.

— Papá — disse eu, tentando mantê-lo ali —, não foi por isso que eu vim.

Inspirei, lentamente.

— Lembras-te de me enviares uma carta, há algumas semanas?

Ele tamborilou com os dedos sobre a mesa.

— Claro. Uma carta.

Uma tática de adiamento — conseguia vê-lo a debater-se, a tentar lembrar-se.

Retirei o papel da mala, desdobrei-o sobre a mesa entre nós, e vi os olhos dele estreitarem-se face à folha.

— Foste tu que me mandaste isto.

O olhar dele pairou sobre as palavras, antes de olhar para cima, com os olhos azuis aguados, escorregadios como os seus pensamentos. *Aquela rapariga. Vi aquela rapariga.*

Ouvi o bater do meu coração na minha cabeça, como se fosse o nome dela, ali às voltas.

— A quem te referias? Quem é que viste?

Ele olhou em redor da sala. Inclinou-se mais para ao pé de mim. Com a boca a abrir-se e a fechar-se duas vezes, antes que o nome brotasse, num sussurro.

— A rapariga dos Prescotts.

Senti todos os cabelos, um de cada vez, a eriçarem-se-me na nuca.

— A Corinne — disse eu.

Ele acenou com a cabeça.

— A Corinne — disse ele, como se tivesse encontrado algo que procurava. — Sim. Vi-a.

Olhei em redor da cafetaria, e inclinei-me para mais perto dele.

— Viste-a? Aqui?

Tentei imaginar o fantasma dela a vaguear por aqueles corredores. Ou a sua cara em forma de coração e o seu cabelo cor de bronze, os seus olhos ambarinos e os seus lábios arqueados — qual seria a sua aparência, dez anos mais tarde? Colocando o seu braço em torno de mim, encostando a sua bochecha à minha, confessando tudo, num sussurro só para mim: *Foi a melhor partida de sempre, não foi? Ah, vá lá, não estejas zangada. Sabes que te adoro.*

Os olhos do Papá encontravam-se bem longe. E, então, aguçaram-se de novo, interiorizando as imediações, os papéis que eu tinha na mala, e eu.

— Não, não, não foi aqui. Ela estava lá em casa.

— Quando, Papá? Quando?

Ela desapareceu logo a seguir ao fim do liceu. Mesmo antes de eu partir. Há dez anos... Na última noite da feira anual. *Tique-taque, Nic.* As suas mãos frias nos meus cotovelos, da última vez que me tocara.

Nem um avistamento desde então.

Agrafámos a fotografia dela às árvores. Procurámos nos locais em que tínhamos medo de procurar, à procura de algo que tínhamos medo de encontrar. Olhámos para as profundezas uns dos outros. Desenterámos partes da Corinne que deviam ter permanecido escondidas.

— É melhor perguntar à tua mãe...

Os seus olhos divagaram novamente. Devia ter estado a evocar uma memória de anos atrás. De antes de a Corinne desaparecer. De antes de a minha mãe morrer.

— Ela estava no alpendre das traseiras, mas foi só por um momento...

Os seus olhos alargaram-se.

— As matas têm *olhos* — disse ele.

O Papá foi sempre dado às metáforas. Passara anos a ensinar Filosofia na universidade comunitária. Era pior quando bebia — saía-se com frases de um livro, reordenadas para servirem os seus caprichos, ou recitava citações fora de contexto, cujo significado eu tentava, desesperadamente, compreender. Por fim, ria-se, apertando-me o ombro e passando adiante. Mas, agora, perdia-se na metáfora, sempre incapaz de voltar a sair dela. O seu momento de lucidez estava a desvanecer-se.

Eu inclinei-me para o outro lado da mesa, agarrando-lhe no braço até ele se concentrar nas minhas palavras.

— Papá, *Papá*, está-se a esgotar o tempo. Conta-me acerca da Corinne. Ela estava à minha procura?

Ele suspirou, exasperado.

— O tempo não se está a esgotar. Nem sequer é *real* — disse ele, e eu soube que o tinha perdido, que *ele* estava perdido, às voltas na sua própria mente. — É apenas uma medida de distância que inventámos, para compreendermos as coisas. Como um metro. Ou um quilómetro.

Ele mexia as mãos enquanto falava, para acentuar o seu ponto de vista.

— Aquele relógio — disse ele, apontando para trás de si. — Não está a medir o tempo. Está a criá-lo. Vês a diferença?

Olhei fixamente para o relógio na parede mais distante, para o ponteiro negro dos segundos a mexer-se, sempre a mexer-se.

— E, contudo, não paro de envelhecer — murmurei.

— Sim, Nic, sim — disse ele. — Nós mudamos. Mas o passado continua lá. A única coisa que se mexe somos nós.

Sentia-me como um rato numa roda, ao tentar ter uma conversa com ele. Tinha aprendido a não discutir, mas sim a aguardar. Para evitar agitações que, rapidamente, descambariam em desorientação. Tentaria de novo no dia seguinte, a partir de um ângulo diferente, num momento diferente.

— Certo, Papá. Olha, tenho de me ir embora.

Ele afastou-se e olhou para mim, com os olhos a moverem-se ao longo do meu rosto. Perguntei-me que versão de mim estava ele a ver — a sua filha ou uma estranha.

— Nic, escuta — disse ele.

Ouvi o relógio a funcionar. *Tique-taque, Nic.*

Ele tamborilou os dedos sobre a mesa entre nós, duas vezes mais depressa do que o relógio. Houve um estrondo vindo do outro lado da sala, e eu virei a cadeira e vi um homem a apanhar um tabuleiro de pratos, que devia ter deixado cair enquanto levantava as mesas. Voltei-me, novamente, para o Papá, que estava concentrado no seu prato, rodando a massa, como se os últimos minutos não tivessem existido.

— Devias mesmo provar a massa — disse ele.

Sorriu, caloroso e distante.

Pus-me de pé, bati com os limites do papel que tinha na mala contra a mesa, e correspondi ao seu sorriso cordial e distante.

— Foi mesmo bom ver-te, Papá — disse eu.

Contornei a mesa, dei-lhe um abraço apertado, e senti-o hesitar antes de levar a mão ao meu braço e me apertar de volta.

— Não deixes que o teu irmão venda a casa — disse ele, numa conversa circular, prestes a começar de novo.

A LUZ DO ALPENDRE ESTAVA ligada e o céu quase escuro, e eu tinha uma mensagem do Daniel quando estacionei o carro na gravilha do caminho de acesso. Ele regressaria de manhã, e eu deveria telefonar-lhe se precisasse de alguma coisa, ou se mudasse de ideias e quisesse ficar com ele e com a Laura.

Sentada no meu carro, vendo o candeeiro mexer-se com o vento, com a luz a projetar sombras ao longo da fachada da casa, pensei nisso. Pensei em conduzir diretamente para o outro lado da cidade e em encher o colchão

insuflável no quarto do bebê, que não estava a ser usado. Porque conseguia ver-nos, as nossas sombras, há uma década, contando histórias de fantasmas naquele alpendre, com a luz a dançar.

A Corinne e a Bailey, com a atenção arrebatada, enquanto o Daniel lhes contava que havia um monstro na mata — que não era uma coisa que conseguissem ver, mas uma coisa que conseguiam sentir. Que levava pessoas para lá, e que as obrigava a fazerem coisas. Eu conseguia ouvir essa minha versão na minha própria cabeça, dizendo que ele era um aldrabão. E a Corinne a inclinar a cabeça face ao Daniel e a encostar-se para trás, contra a balaustrada do alpendre, inchando o peito, colocando um pé contra uma ripa de madeira, dobrando uma das suas longas pernas e dizendo: *O que é ele te obrigaria a fazer?* Sempre a picar-nos. Sempre a provocar.

Detestava que os nossos fantasmas vivessem ali, sempre. Mas a Laura estava quase a parir, e não havia lugar para mim. Embora o Daniel se tivesse oferecido, estava implícito que eu diria que não. Tinha aqui uma casa, um quarto, um espaço. Já não era da responsabilidade dele.

Empurrei a porta da rua, abrindo-a, e ouvi outra porta mexer-se, na outra ponta da casa, como se tivesse perturbado o seu equilíbrio.

— Olá? — gritei, parando onde estava. — Daniel?

Nada para além do vento da noite, que abanava as vidraças com um chocalhar familiar. Uma brisa, graças a Deus.

Liguei os interruptores da parede enquanto caminhava em direção à cozinha, nas traseiras da casa, metade deles em funcionamento, outra metade não.

O Daniel não estava lá. Não estava lá ninguém.

Rodei o trinco da porta, mas a madeira à volta dele estava podre e lascada, com o trinco a falhar o suporte, quer estivesse ou não trancado. Tudo parecia estar como o havia deixado: uma caixa sobre a mesa, um copo usado no lavatório, tudo coberto por uma fina camada de pó.

O anel. Dei dois passos de cada vez e dirigi-me, imediatamente, à mesa de cabeceira, com os dedos a tremerem-me ao enfiá-los dentro da taça de cerâmica, com batimentos cardíacos frenéticos, até tocar no metal.

O anel estava lá. Estava tudo bem. Voltei a enfiá-lo no meu dedo e passei a minha mão trémula pelo cabelo. *Está tudo bem. Respira.*

A cama ainda estava por fazer, mas os lençóis estavam dobrados e empilhados em cima dela, do modo como o Daniel os costumava deixar,

quando começara a tratar das coisas que a Mamã não conseguia fazer. Mudei as caixas de sapatos, novamente, para o armário e o tapete, de novo, para baixo dos pés da cama. Coloquei a caixa das joias a meio do espelho, num quadrado sem pó, onde havia estado durante, pelo menos, o último ano. Tudo se restabelecia. Se realinhava.

Senti as memórias a fazerem a mesma coisa. A voltarem aos seus lugares. A investigação. Tudo quanto eu deixara para trás, impecavelmente guardado em caixas durante dez anos.

Olhei em redor do meu quarto e vi os retângulos de tinta descolorada. Fechei os olhos e vi as fotografias que tinham estado penduradas em cada local.

O meu estômago agitou-se, transtornado. A Corinne figurara em todas elas.

Uma *coincidência*, pensei. A Corinne estava de tal modo envolvida na minha infância que, provavelmente, conseguiria achar a sua sombra em tudo quanto ali se encontrava, se me pusesse a procurá-la.

Precisava de descobrir que pensamento tinha aparecido e sucumbido, conduzindo o Papá a um pedaço de papel e a um sobrescrito com o meu nome. Que memória cintilava a partir da porção moribunda do seu cérebro, pedindo atenção, antes de se esbater de vez. A Corinne. *Viva*. Mas quando? Tinha de descobrir.

Tudo estava ali encalhado. À espera de que alguém avançasse e reordenasse as provas, as histórias, os acontecimentos — até que se encaixassem de um modo que fizesse sentido.

Assim sendo, o Papá tinha razão. Acerca do tempo. Acerca de o passado estar vivo.

Desci os degraus de madeira, rumo à cozinha, com o linóleo a mirrar nos cantos. E imaginei, por um momento, que avistava uma rapariga com longos cabelos cor de bronze, e que o seu riso ecoava através da noite, enquanto saltava os degraus do alpendre das traseiras...

Tique-taque, Nic.

Tinha de me concentrar, de compreender esta casa, e de sair dali. Antes que o passado começasse a brotar das paredes, sussurrando a partir das condutas. Antes que se desembralasse daquela caixa, camada após camada, regressando ao princípio de tudo.

UMA HISTÓRIA TÃO ORIGINAL COMO PERTURBADORA

NICOLETTE PENSA QUE ESCAPOU...

Já se passaram dez anos desde que Nicolette Farrell abandonou a sua cidade natal. Não resistiu ao misterioso desaparecimento da sua melhor amiga, Corinne, e abandonou tudo: pai, irmão, namorado, toda uma vida.

O DESTINO TROUXE-A DE VOLTA...

Agora, obrigada a regressar ao seu passado para cuidar do pai doente, Nicolette vê-se afundada em segredos chocantes, mentiras e aquele caso que ficou por resolver, abrindo feridas antigas, há muito dormentes.

MAS AS DÍVIDAS TÊM DE SER PAGAS...

Um novo desaparecimento, o da atual companheira do ex-namorado de Nicolette, irá adensar a teia de mistério e precipitar os acontecimentos. O que realmente aconteceu há dez anos?

ASSUSTADOR, INTENSO E COMPULSIVO

«*As Desaparecidas* é o *thriller* perfeito, aquele pelo qual toda a gente ansiava desde *Em Parte Incerta*, de Gillian Flynn, ou *A Rapariga no Comboio*, de Paula Hawkins.»

Cosmopolitan

TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20120 editora	ISBN 978-989-8849-84-7  9 789898 849847 Thriller
--	--